

ZEFERINO BRAZIL, UM DESTAQUE DISCUTÍVEL

Lígia Gademartori Magalhães

O patriarca do simbolismo gaúcho, segundo a referência de Andrade Murici, militou por mais de um setor da poesia: a lírica, a epopéia e o burlesco.

Sua obra lírica configura um ambiente místico, obscuro e vago, orienta-se pelo intuitivo e se tece com palavras evocadoras de ambientes fantásticos, dissolvidos em sonho.

Essas palavras permanecem fiéis a um repertório padronizado pela tendência, o que se comprova na leitura de **Vovó Musa**, um dos melhores exemplos desse aspecto de sua criação.

MORTAI

"Branca, entre lírios e camélias, morta,
vejo-a, serena flor esmaecida...
Aproxima-se o instante da partida,
E, ail como esta certeza desconforta!

Vai para o céu, risonha, adormecida,
E para o céu o nosso amor transporta,
Porque a morte cruel, que a vida corta,
O amor não corta que nos doura a vida."

Não se encontra na lírica de Zeferino Brazil uma criatividade que a individue e justifique um grande destaque no simbolismo do Rio Grande do Sul.

Sua obra não pode alinhar-se com o peculiar e organizado

mundo poético de um Eduardo Guimarães ou de um Alceu Wamosy, dois simbolistas gaúchos que ainda não receberam a atenção e o destaque que mereçam da crítica brasileira.

Poucos são os poemas de Zeferino Brazil que chegam ao último verso sem que a elaboração claudique, ainda mais raros são aqueles em que o clichê, o lugar-comum da moda literária, cede ao estilo individual, à inventividade dos procedimentos retóricos e da concepção poética.

Em um momento de nossa literatura em que o idealismo e a espiritualidade não propiciavam o surgimento de uma literatura humorística, a obra burlesca de Zeferino Brazil expressa-se por um coloquialismo irônico que destaca o prosaico, o vulgar e o anedótico. Muitas vezes o humor irrompe da malícia com que o autor antagoniza a forma de exposição e o resultado a que chega, destruindo o nexos habitual entre o que foi dito e a forma como é dito.

O fato burlesco, o episódio vulgar e de gosto duvidoso, é referido delicada ou respeitosa; outras vezes, refere-se ao sério com insinuações irônicas. Isso faz com que o leitor sinta uma certa insegurança, por não saber facilmente se está diante de algo grave ou ridículo.

"D. ZUZU —

Não tens nada?... E eu te vejo com olheiras,
E as rosas de teu rosto desbotadas...

MIMI, com profunda tristeza —

Agora não é tempo de roseiras,
Quero dizer: de rosas orvalhadas,
O inverno, desfolhando as coitadinhas,
Matou-as, o tirano."

Comédia da Vida

A predominância da interioridade, característica do estilo simbolista, afastou a possibilidade de uma grande incidência de poesia épica. No entanto, ao lado da sátira chula de **Comédia da Vida**, encontramos os poemas épicos de **Alma Gaúcha**, epopéia da revolução farroupilha em que o poeta tenta mostrar "ao mundo a envergadura homérica da raça invencível do Pampa."

A visão da realidade gaúcha é refletida em dimensões várias: o ambiente físico, o perfil psicológico do homem do Pampa, seus valores sociais, sua luta política. Na obra tantas vezes desconcertante de Zeferino Brazil, **Alma Gaúcha** sobressai pelo cuidado maior com que o autor a conduz.

Essa é, talvez, a particularidade da obra de Zeferino Brazil: a prática de gêneros não cultivados no momento literário em que ele se situa.

Acentuando os valores coletivos da gente gaúcha, não abandona a figura de indivíduos notáveis, como Bento Gonçalves, expo-nenciais dessa alma que Zeferino Brazil projeta epicamente.

"Alma altiva, alma estóica, alma da Pátria; acesa
Constelação moral de bravura e nobreza;
valente alma de um povo entre todos eleito,
De um povo de titans que aos combates afeitos
Odeia a tirania, investe o despotismo,
Empunhando garboso a lança do civismo
E indômito afrontando o mosquete e a garrucha."

ANTOLOGIA

BALADA

I

As estrelas fulgiram docemente,
Os roseirais em flor, o lírio albente
Descerraram as pétalas orvalhadas...
De luz e aroma todo o azul se encheu...
E ela, a princesa loura das baladas
Nasceu!

II

As estrelas choraram tristemente,
Os roseirais em flor, o lírio albente
Desfolharam as pétalas orvalhadas...
De pranto e luto todo o azul se encheu,
Quando a princesa loura das baladas
Morreu!

SINGULARIDADES DE UMA INGLESA

"Morro de amores por uma inglesa
Esguia e leve,
Ave pernalta, flor de beleza,
Toda de neve.
É tão franzina que causa dó.
Parece feita de sol e espuma...
Tenho até medo que, andando só,
O vento a leve como uma pluma.

Sigo-lhe os passos, de longe e oculto,
Porém alegre por ver-lhe o vulto...

Seus olhos verdes me dão a imagem
De uma ridente, verde paisagem,
Longas planícies ajardinadas,
Vertentes claras,
E espécies finas e bem cuidadas
De flores raras..."

A BORBOLETA

Asas de prata abertas, cintilando
Ao sol,
Formosa borboleta anda voando
De girasol em girasol.

E vai, de bosque em bosque, o mel brilhante
Sugar
Do coração das flores, inconstante,
Toda de prata a cintilar.

De flor em flor adeja, luminosa
No azul,
Ora beijando um cravo, ora uma rosa
Beijando lépida e taful.
Revolto lago ao vê-la, empalidece
E diz:

— "Calmo e feliz eu fora, se tivesse
O teu amor calmo e feliz"

E asas de prata abertas, cintilando
Ao sol,
Ela nem ouve o lago, e ei-la voando
De girasol em girasol.

E, suspirando, ao vê-la, diz o prado
Em flor:

— "Por que me foges mal te sinto ao lado,
Ó meu amor! Ó meu amor!"

E a borboleta adeja, luminosa
No azul,
Ora beijando um cravo, ora uma rosa,
Beijando lépida e taful.

Assim teu coração formosa amante,
(Duro e perverso coração traidor!)
Tal como a borboleta, cintilante,
Toda de prata, anda de flor em flor,
Teu coração, mais incessante,
Cedo val de um amor para outro amor.